



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília (UnB)
Faculdade de Ciências da Informação e Documentação (FCI)

O fantástico mundo das obras raras: A importância de coleções raras, e o papel do bibliotecário

Wiliam de Oliveira Aguiar

Brasília, dezembro de 2011



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília (UnB)
Faculdade de Ciências da Informação e Documentação (FCI)

O fantástico mundo das obras raras: A importância de coleções raras, e o papel do bibliotecário

Wiliam de Oliveira Aguiar

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências da Informação da Universidade de Brasília (UnB), como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ana Lúcia de Abreu Gomes

Brasília, dezembro de 2011

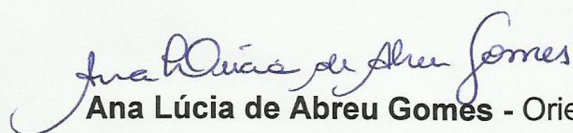


Título: O fantástico mundo das obras raras: a importância de coleções raras, e o papel do bibliotecário.

Aluno: Wiliam de Oliveira Aguiar.

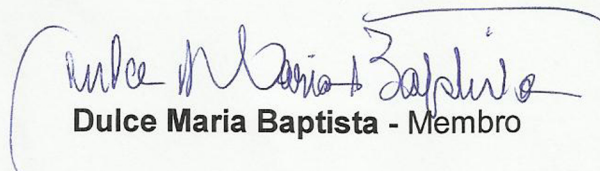
Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Brasília, 15 de dezembro de 2011.


Ana Lúcia de Abreu Gomes - Orientadora

Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)

Doutora em História Cultural


Dulce Maria Baptista - Membro

Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)

Doutora em Ciência da Informação


Silmara Küster de Paula Carvalho - Membro

Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)

Mestre em Tecnologia

Dedicatória

Dedico esse trabalho aos meus pais, os quais me apoiaram durante toda a minha vida, serviram de exemplos de caráter, e sem os quais meus estudos na UnB não seriam possíveis.

Agradecimentos

Aos meus pais, pelo constante apoio, e por acreditarem em mim.

À professora Ana Lúcia de Abreu Gomes, por acreditar no meu projeto, e aceitar me orientar.

Aos meus irmãos, em especial ao Wesley, que me deu o maior presente que uma pessoa pode dar a outra: uma raríssima estatueta Kotobukya do filme do Hulk, edição limitada, e autografada.

Ao pessoal da BCE que continuou me emprestando livros, mesmo com multas na minha matrícula (não se preocupem, não vou citar nomes).

A caras como o Bill Gates, e Steve Jobs, por terem tornado a minha vida mais fácil.

Ao Led Zeppelin, Black Sabbath, Elvis Presley, Jimmy Hendrix Experience, Lynyrd Skynyrd, AC/DC, Deep Purple, Creedence Clearwater Revival, Metallica, Megadeth, The Rolling Stones, The Beatles, The Animals, UFO, Johnny Cash, Iron Maiden, Yardbirds, The New Yardbirds, The Birds, The Who, The Clash, Sex Pistols, e aos outros milhares inventores do Rock n' Roll, que embalaram todas as minhas “sessões de monografia”.

E a quem estiver lendo esta monografia.

Seja bem vindo!

*“There are books that have devastated continents, destroyed thousands.
What war hasn’t been a war of fiction?”*

- Alan Moore, 1998

"The unleashed power of the atom has changed everything save our modes of thinking and we thus drift toward unparalleled catastrophe."

- Albert Einstein, 1946

Resumo

Esse trabalho busca compreender os aspectos que envolvem um setor de obras raras de uma biblioteca. Partindo do século XV, quando Johannes Gutenberg inventa a prensa por tipos móveis, e o livro ganha dimensões de propagação diferentes, quando a sua reprodutibilidade passa a ser possível em larga escala. A sociedade passa cada vez mais a confiar os seus ideais no livro. Podemos observar a evolução das funções do bibliotecário que existia até então, desenvolvendo mais mecanismos de organização, para atender a uma quantidade cada vez maior de livros. Observamos que coleções de obras raras assemelham-se às coleções existentes até o século XV, no que se diz respeito ao caráter único de seu material. Livros dessa época precedem o desenvolvimento da reprodutibilidade técnica, ocorrido com a invenção da imprensa. Contudo as necessidades de um setor de obras raras vão muito além do reconhecimento artístico do material raro que se dispõe, podendo requerer do bibliotecário responsável habilidades muito desenvolvidas em outros campos das Ciências da Informação. Hoje percebemos que coleções de obras raras nem sempre recebem o valor que merecem dentro de uma instituição, muitas vezes sendo relegadas a um segundo plano no painel geral da biblioteca. Essa situação tende a mudar, entretanto, quando observamos no Brasil bons exemplos de coleções de obras raras, como as encontradas na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, ou a futura Biblioteca de Obras raras da UNICAMP.

Palavras chaves: Obras raras. Historia do livro. Bibliotecas do Brasil.

Abstract

This work seeks to understand the aspects involving collections of rare books existing in libraries. In the fifteenth century, when Johannes Gutenberg invented the movable type printing press, the book got a different importance, when the reproducibility becomes possible on a large scale. The society, from now on, pass to entrust the books as the major ideals carries for this society. We can observe the changing role of the librarian, when further developing organizational arrangements, to attend the increasing number of books that needed to be organized. We can observe too, that collections of rare books are similar to existing collections until the fifteenth century in what concern the uniqueness of their own. Books of this era precede the development of technical reproducibility, which occurred with the invention of printing. However, the requirements of a rare book collection goes far beyond the artistic recognition of the rare material that is available, the librarian could require highly developed skills in other fields of Information Sciences. Today we realize that collections of rare books do not always receive the value they deserve within an institution, often relegated to the background in the General plane of the library. This situation tends to change, however, when we observe that in Brazil are good examples of collections of rare books, like those found in the National Library of Rio de Janeiro, or the future library BORA, entirely dedicated for rare books in UNICAMP.

Keywords: Rare books. History of the book. Brazilian libraries.

Lista de figuras

Figura I: Exemplo de figura iluminada do século XV	13
Figura II: Action comics #1	32
Figura III: Catalogo geral de incunábulos.....	33
Figura IV: Scanner planetário.....	34
Figura V: Sede atual da FBN	39
Figura VI: Projeto do futuro prédio da BORA	40

Sumário

1. Introdução.....	11
2. Justificativa.....	15
3. Objetivos.....	16
3.1 Objetivos gerais.....	16
3.2 Objetivos específicos.....	16
4. Metodologia.....	17
5. Revisão de literatura.....	18
5.1 A função do bibliotecário através dos tempos	18
5.2. As Coleções.....	20
5.3 Biblioteca de Obras Raras	21
5.4 A área de atuação profissional.....	25
5.4.1 O conceito de raridade	27
5.4.2 A Política de seleção	29
5.4.3 Formando o acervo de obras raras.....	30
5.4.4 Processamentos técnicos em livros raros.....	32
5.4.5 Digitalizações de livros raros	33
5.6 Adequação do profissional em Obras Raras	35
5.6.1 Coleções de livros raros como objetos de museus	36
5.6.2 Intercâmbio entre Bibliotecas e Museus.....	37
5.7 Coleções de Obras Raras no Brasil	37
5.7.1 A coleção de livros raros da Fundação Biblioteca Nacional.....	38
5.7.2 A Biblioteca de Obras Raras da UNICAMP	40
6. Considerações finais.....	42
REFERÊNCIAS	44

1. Introdução

A minha primeira coleção foi a de tampinhas de garrafas. Era uma coleção pequena, pra se falar a verdade, eram apenas cinco. Mas as minhas tampinhas eram especiais, pois na parte interna de cada uma delas tinha uma impressão de um personagem da Disney. Elas consistiam em uma promoção do refrigerante Fanta laranja e, se bem me lembro, juntando-se cinco, com personagens diferentes, era possível trocá-las por uma miniatura de um engradado da Coca-Cola, ou da própria Fanta, com seis mini-garrafinhas inclusas. O mini-engradado era realmente um item muito bom para qualquer colecionador, mas o que me interessava mesmo eram as tampinhas. Naquela ocasião, no meu entender, as tampinhas eram muito mais valiosas para se colecionar, pois, enquanto as mini-garrafas eram retiradas em troca pelas tampas, e colecionadas por todos, as tampinhas acabavam sendo recicladas, ou destruídas, e dentre alguns anos eu seria o único portador desses itens no mundo inteiro. Bom, essa primeira coleção não conseguiu chegar aos anos 90, infelizmente. Minha mãe, inadvertidamente, as trocou pelo mini-engradado com seis mini-coca-colas. Após isso, tentei reunir uma nova coleção, mas e por mais refrigerantes que eu bebesse, parecia impossível achar novamente a tampinha do Pato Donald.

Muitos anos se passaram e, desde então comecei a colecionar os mais diversos tipos de coisas, como latas, moedas, álbuns de figurinhas, jogos de vídeo-game, fitas de vídeo, DVDs, livros, revistas em quadrinhos, *action figures*, e muitos outros. Contudo, nenhum desses itens me fez esquecer aquelas tampinhas, a nostalgia que a memória delas representa, e a triste probabilidade de todas elas estarem extintas.

O mundo hoje é bem diferente. Vivemos em um tempo em que, aparentemente, não há limites para a capacidade humana de desenvolvimento, e aprendizagem, onde tudo ocorre muito rápido. As tecnologias se desenvolvem de maneira tão acelerada que, o que é inovação de ponta em um ano, pode ser considerado totalmente ultrapassado no próximo. Os objetos que nos são úteis passam a ser imanescentes, e sujeitos a constantes transformações, sendo facilmente substituídos, por um modelo mais recente, ou descartados de acordo com a sua obsolescência. Hoje, o hábito de colecionar parece ser cada vez mais incomum, em uma sociedade onde tudo parece ser descartável. Essa tendência de desapego ao material, como observa Sudjic (2008, p.6), pode nos levar a crer que “... *estejamos à beira de uma onda de repulsa ao fenômeno do desejo por tudo o que é fabricado, a toda avalanche de produtos que*

ameaça nos soterrar”. Contudo, ainda existem objetos que mesmo ultrapassados, e sem uma finalidade tão clara, ganham valor para o imaginário da sociedade, com o passar dos tempos. Esses objetos são os semióforos.

Segundo Abreu (1996, p. 43), os semióforos são “*objetos destituídos de valor de uso*” que “*singulares, não servem para serem usados, mas para serem expostos ao olhar*” e “*considerados preciosidades, são dotados de um valor de troca fundamentado no seu significado*”. Diferentemente do que acontece com os demais objetos atualmente, esses artefatos parecem ganhar valor com a sua “idade avançada” independente de sua relativa utilidade, pois carregam consigo um significado maior do que se pode observar a olho nu. O potencial de um semióforo¹, então, é somente visível no campo das idéias. Com essa visão sobre os objetos, adentramos na razão desse trabalho: livros raros, ou a “biblioteconomia de livros raros”.

Primeiramente atentemos para a função dos livros na atualidade. Os livros, depois da revolução tecnológica ocorrida no século XX e início desse século, sofrem uma crescente competição com tecnologias que, por vezes, ameaçam substituí-lo como fonte principal de informação. Tanto que, muito se debate hoje sobre o futuro da mídia impressa, pois as tecnologias disponíveis apresentam as mesmas funcionalidades que o papel, além de serem reutilizáveis, e custarem menos. Com essa prospecção, o futuro dos livros, e de todas as mídias impressas, parece fadado a um ostracismo, sendo estes relegados a uma memória de “como as coisas costumavam funcionar”. Essa situação, de certa forma, evoca o ocorrido a partir do século XVI, quando foi inventada a imprensa, e a produção de livros aumenta de maneira significativa. Talvez para o consumidor de livros dessa época, a popularização da imprensa tenha lhe parecido como a morte do livro, ou pelo menos o livro da forma que lhe era conhecida, e muito provavelmente este consumidor estava certo. A Renascença, impulsionada pelo livro, e pela busca do conhecimento, iniciou um movimento de afastamento dos valores medievais presentes até ali, e abriu as portas para a Idade Moderna. Os livros produzidos até então, eram objetos únicos, podendo apresentar uma alta sofisticação. Como os manuscritos iluminados², que tinham como característica a presença de

¹ Para a professora Marilena Chauí, em seu livro “Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária”, os semióforos têm uma ligação profunda com o processo de criação de idéia de nação, sendo usados para a dominação ideológica de toda uma sociedade. Esse aspecto abordado pela autora traduz bem o poder que a idéia de semióforo carrega.

² A invenção da imprensa não significou o fim das iluminuras, pois até mesmo a bíblia de Gutenberg apresenta algumas dessas imagens, porém podemos entender a sua invenção como uma mudança de paradigma para o livro, que até então tinha um caráter artístico muito elevado.

iluminuras, pinturas feitas sobre o documento utilizando-se ouro e prata, fazendo-se assim refletir luz (ver figura I). Com a invenção da imprensa, os livros se tornam menos objetos de arte, e mais utensílios com uma finalidade bem específica: transportar informação.



Figura I: Exemplo de figura iluminada em uma bíblia em Latim do século XV

Fonte: <http://www.kb.nl/manuscripts/>

A mudança do livro que ocorreu durante a Renascença, é semelhante ao que vivenciamos hoje, pois, mais uma vez, o livro esta passando por uma transformação, deixando de lado seus aspectos físicos, e se tornando informação pura. O bibliotecário de hoje, está observando processos de transformação semelhantes aos que seu antecessor dos séculos anteriores observou quando foi inventada a prensa de tipos móveis, e os livros se tornaram os mais abrangentes meios de distribuição de informação.

Mas em meio a tantas transformações e inovações, é interessante ressaltar como os livros, diferentemente de todas as outras tecnologias, têm características especiais, que têm possibilitado a sua resistência, mesmo diante de inovações tecnológicas tão fortes, como as percebidas em nossa história recente. Os livros são autênticos semióforos e o apego que uma

sociedade apresenta para com eles não é devido unicamente à sua superioridade sua forma³, mas também com o apego a toda uma tradição que ele carrega. Os livros são artefatos de poder; esta sempre foi uma de suas características mais fortes, e essa mentalidade que os envolve, ainda predomina. É essa característica do livro, que a meu ver, o faz ser um objeto tão sujeito ao colecionismo, isto é, a prática de colecionar.

Dentre a prática de colecionar livros, encontramos a de colecionar livros raros. Os livros ditos como raros, são altamente valorizados pelo mercado, podendo atingir preços exorbitantes, geralmente por constituírem em exemplares únicos, ou por serem dificilmente encontrados. O reconhecimento do valor diferenciado desses livros é dado em uma biblioteca ao se criar uma coleção específica para abrigar exemplares com essa característica, uma coleção de obras raras.

Esse trabalho se dedica especificamente a esse tipo de coleção, e ao especialista que está por trás de sua organização. Coleções de obras raras muitas vezes são tratadas na literatura da área como diferentes de todas as outras existentes em uma biblioteca, e esse tratamento diferenciado se justifica pelo material que essa coleção congrega. Livros raros são objetos em que todos os seus detalhes são pertinentes para gerar um conhecimento sobre uma época passada. Minúcias como o tipo de encadernação, papel utilizado, presença de ex-líbris, podem revelar mais que o conteúdo de um livro em si. Como diz Choay (apud MURGUIA; YASSUDA, 2007, p 66), “*os antiquários confiavam mais no estudo dos objetos do que nas palavras contidas neles, pois os objetos eram provas vivas do passado, e não tinham como alterar ou omitir informações*”. O bibliotecário assume um papel diferenciado nessa coleção, pois tem a responsabilidade de identificar esses aspectos nos livros de sua coleção.

³ O livro ainda possui muitas vantagens em relação ao seu correspondente eletrônico, o e-book. Como facilidade de acesso, irrestrição quanto à fonte de energia (sua bateria interna nunca se acaba, e só é preciso uma boa fonte de luz, para utilizá-lo), além de ser um meio mais seguro de se preservar informações, pois aparelhos eletrônicos e discos rígidos ainda apresentam uma vida-útil muito mais curta do que a de um livro.

2. Justificativa

A importância de uma coleção de obras raras em uma biblioteca é muitas vezes diminuída em bibliotecas brasileiras, consistindo, em muitos casos, em depósitos de livros, quase impenetráveis, onde são guardados os melhores exemplares de uma biblioteca. Contudo, uma coleção desse tipo deve ter uma finalidade muito maior do que a de guardar livros por uma quantidade indefinida de tempo. Essas coleções devem sim prover a segurança do seu acervo, mas também devem promover o seu uso mais adequado para a sociedade, seja digitalizando esse acervo, deixando à disposição para um uso controlado, ou promovendo exposições.

Pensando nisso, esse trabalho tem a intenção de averiguar as qualidades acadêmicas demandadas ao profissional dedicado ao campo de obras raras, por meio do estudo de sua área de atuação, no Brasil, e por meio do estudo do seu objeto de interesse: o livro raro.

3. Objetivos

3.1 Objetivos gerais

O objetivo geral desse trabalho é o de apurar os aspectos mais importantes que a profissão de bibliotecário, em uma coleção de obras raras, demanda da pessoa que exerce essa função. Para tanto é necessário estudar também o objeto “livro raro”, detectar suas especificidades, e ter conhecimento sobre quais as demandas a sociedade tem para com ele, ou qual o melhor meio desses materiais servirem à sociedade.

3.2 Objetivos específicos

Dentre os objetivos específicos estão:

1. Tentar entender o papel histórico da função do bibliotecário, e do livro, através dos tempos, e a mudança desse papel;
2. Ter uma visão sobre o conceito de “coleções” e “coleccionismo”;
3. Estudar as variáveis que são levadas em consideração quando se tenta conceituar a raridade de um livro;
4. Averiguar as atividades técnicas demandadas pelo setor, e suas diferenças com os demais setores;
5. Apurar sobre a questão da digitalização em uma coleção de obras raras;
6. Averiguar a adequação do profissional de obras raras com os demais cursos de Ciências da Informação, e a possibilidade de um intercâmbio de técnicas com áreas correlatas;

4. Metodologia

Para o desenvolvimento desse trabalho optou-se por uma pesquisa documental, descritiva e analítica, a partir de uma revisão de literatura em que se procura entender a história da profissão “bibliotecário de obras raras” e suas especialidades. O levantamento bibliográfico utilizado constitui-se de livros, periódicos, artigos científicos publicados em eventos da área, e artigos jornalísticos.

Essa revisão de literatura tem como objeto o livro raro, e o bibliotecário de obras raras, e o papel que estes desempenham em uma biblioteca.

5. Revisão de literatura

De acordo com a metodologia adotada, apresenta-se a revisão de literatura a seguir, contemplando os seguintes tópicos: A função do bibliotecário através dos tempos, As Coleções, Biblioteca de Obras Raras, A área de atuação profissional, O conceito de raridade, A Política de seleção, Formando o acervo de obras raras, Processamentos técnicos em livros raros, Digitalizações de livros raros, Adequação do profissional em Obras Raras, Coleções de livros raros como objetos de museus, Intercâmbio entre Bibliotecas e Museus, O campo de trabalho no Brasil, A coleção de livros raros da Fundação Biblioteca Nacional, A Biblioteca de Obras Raras da UNICAMP.

5.1 A função do bibliotecário através dos tempos

Um aspecto relevante a ser considerado em biblioteconomia é a história da profissão. O perfil da pessoa que se dedica a cuidar de uma biblioteca mudou constantemente desde a invenção do livro. José Ortega y Gasset em seu discurso "Missão do bibliotecário" faz uma reflexão sobre a mudança do papel desse profissional ao longo da história humana, e mais detalhadamente no período da Renascença até o início do século XX.

José Ortega y Gasset diz que a profissão de bibliotecário era exercida em seus primórdios por indivíduos que eram atraídos por um interesse pessoal para com o exercício da profissão, e essa característica perdurou até o momento em que a biblioteca ganha um status diferente na sociedade. Com a Renascença, e após a invenção da prensa de tipos móveis⁴, o livro começa a ser percebido de forma diferente, pois numa sociedade onde a religião perdia cada vez mais a sua força, o livro (detentor maior do conhecimento) se tornava o novo pilar que sustenta as idéias dessa sociedade. Essa nova importância do livro irá respaldar, igualmente, uma nova dimensão profissional para aqueles que atuavam na biblioteca. A manutenção das bibliotecas e dos livros passa a ser interesse do Estado, conforme a demanda cada vez maior da sociedade pelo acesso à informação. Os livros que até então eram produzidos, eram tratados como verdadeiras obras de arte⁵, e tinham um caráter único, pela

⁴ Apesar de ter sido inventado primeiro na China por Bi Sheng por volta de 1040DC, a prensa de tipos móveis somente tornou-se popular na Europa no século XVI com a invenção de Gutenberg.

⁵ Sobre esse aspecto, Benjamin (1985, p. 166-167) observa que a invenção da imprensa faz parte de um processo mais amplo onde a reprodutibilidade técnica de obras de arte, começa a ser possível. Esse processo é iniciado

sua forma de produção (geralmente realizada em mosteiros, por meio de monges copistas, que realizavam tal tarefa manualmente), eram substituídos por livros impressos, com menos requintes, e um valor mais utilitário do que artístico.

O livro sempre teve a função de disseminar idéias, porém com a sua popularização, ocorrida a partir do século XVI, a amplitude de tudo que o cerca, teria de ser repensada. Assim, ocorre uma mudança no perfil do bibliotecário que existia até então. O profissional teria que estar apto a gerenciar coleções de livros cada vez maiores, pois nesse período, a produção livreira crescia, se popularizando através do mundo⁶.

Com o livro sendo a base ideológica para um padrão social, ele deveria ser o mais confiável possível. Essa demanda é resolvida na Renascença no que se diz respeito à produção intelectual, como salientado por Lowenthal (1989, p.1), que afirma que até a Idade Média, livros como a *Ilíada* de Homero, se dedicavam a retratar fatos históricos de maneira lúdica, favorecendo uma linguagem mais rebuscada (geralmente escritos em forma de poesia), e se preocupando menos com a veracidade dos fatos realmente ocorridos⁷. Esse fato pode ser denotado como um sinal da mudança do status do livro na sociedade.

Outro fator levantado por Andrade é o crescimento do interesse de mecenas pelas bibliotecas:

O crescimento da produção editorial impressa gerou transformações culturais na história da sociedade ocidental: multiplicou o número de livros tornando-os mais baratos e de fácil circulação, permitiu ao leitor o acesso a uma variedade de textos e provocou mudanças associadas à leitura. A biblioteca ganhou uma existência própria no século XVII, quando surgiram as primeiras bibliotecas públicas, patrocinadas por mecenas (ANDRADE, 2009, p. 26).

Mecenas eram indivíduos que ganhavam reconhecimento por apoiar artistas e escritores nesse período. Isso evidencia a importância que as bibliotecas passam a ter para a sociedade, chegando ao ponto de fornecer prestígio a quem a apoiasse.

O interessante para esse trabalho é a percepção de que ao se mudar o livro (ou a percepção que temos sobre ele), muda-se também o profissional que se dedica a preservá-lo.

com a xilogravura e a litografia, quando pela primeira vez, há uma reprodução em massa de gravuras esculpidas em uma base móvel.

⁶ A Bíblia de 42 linhas de Gutenberg foi publicada nos anos de 1450, porém esse tipo de impressão não se tornou popular fora da Alemanha nesses primeiros anos, somente uma geração depois, na década de 1470 começa-se a perceber publicações advindas de outras regiões, de forma que até o final do século XV, cerca de 45% dos impressos, eram de origem italiana, 35% de origem alemã, 15% da França, e 5% dos demais países europeus (VERGER, 1999, p.131).

⁷ Lowenthal embasa essa idéia no fato de, após esse período, haver uma distinção maior entre “história”, “poesia” e “ficção”.

Se antes o bibliotecário era basicamente um bibliófilo, com os seus interesses voltados unicamente para a sua coleção, que até então era formada por livros com altíssimo valor artístico (incunábulo, papiros, pergaminhos, etc.), com a transformação do livro, que deixa seu caráter artesanal e artístico de lado e se transforma em um instrumento maciço de disseminação de informação, o bibliotecário, munido-se cada vez mais de técnicas de organização, se torna um agente propagador, e preservador da informação contida nesses livros.

Muito se passou desde essa mudança drástica na profissão do bibliotecário. A explosão da informação ocorrida na segunda metade do século XX, e a crescente produção de informação em meio digital, foram e ainda são grandes desafios desse profissional, e provam que esse meio de atuação continua em constante evolução. Contudo alguns aspectos daquele primeiro bibliotecário, que cuidava das bibliotecas anteriores ao século XVI, perduram até hoje. Muitas bibliotecas dedicam-se a criar coleções de livros que datam dessa época, ou que por uma série de outros fatores, possam ser considerados raros. Essas coleções, por terem um caráter diferenciado, necessitam de um bibliotecário com características diferenciadas, pois como vimos na história da profissão, um livro diferente demanda um bibliotecário diferente.

5.2. As Coleções

Muito falei até o momento sobre coleções. Mas o que de fato vem a ser uma coleção? Seria simplesmente uma aglomeração de objetos que tem a característica de estarem em um mesmo ambiente físico, e pertencerem a um mesmo dono? E mais importante, qual o objetivo que nos leva a tomar a atitude de colecionar algo? Seria esse um ato pensado para fins comerciais, com a intenção de lucro?

Pomian, na *Enciclopédia Einaudi*, fala sobre a origem do ato de colecionar. Primeiramente ele define coleção como

...qualquer conjunto de objectos [sic] naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das actividades económicas [sic], sujeitos a uma protecção [sic] especial num local fechado preparado para esse fim, e expostos ao olhar do público (POMIAN, 1985, p.53).

Pomian parte do princípio de que a utilidade de um objeto colecionável não pode ser outra além de ser visto e apreciado, ligando a sua utilidade não ao seu aspecto físico, mas sim

ao seu significado. A partir de tal conclusão ele passa a procurar na história da humanidade objetos que retinham essas mesmas características. Ele encontra similaridades com esse objetivo em objetos como: mobiliário funerário, oferendas concedidas aos deuses em templos gregos, relíquias e objetos sagrados. Todos esses objetos não detinham nenhuma função além daquela de serem observados. Essa característica pode ser observada mesmo em relíquias sagradas, que eram deixadas em disposição junto aos mortos. Segundo ele, mesmo esses artefatos, tinham a função de serem observados, mas não pelos vivos, e sim pelos mortos (POMIAN, 1985, p. 53-62).

5.3 Biblioteca de Obras Raras

Atualmente, encontramos vários setores em uma mesma biblioteca. Além da coleção principal dessa biblioteca, podemos nos deparar com coleções especiais que, por vezes, tentam resumir alguma área do conhecimento, ou no caso de um setor de obras raras, onde o objetivo é o de agregar livros que mesmo não compartilhando uma mesma área do conhecimento, portam uma característica específica: o fato de serem raros. A importância de manter esses livros separados da coleção principal de uma biblioteca é justificada por vários fatores, como a sua importância para a memória do conhecimento, seu alto valor de mercado, ou mais especificamente, o seu valor único. Esse valor não deve ser entendido meramente como financeiro, mas como a importância da obra para a biblioteca e para a comunidade que a utiliza. Estando separado das demais obras, um livro com qualidades de raro⁸, está submetido a cuidados diferenciados, provido de uma durabilidade maior, e salvaguardado de eventuais furtos, pois livros raros passam a ser alvos constantes desse tipo de ação⁹.

Seria então essa a verdade absoluta desse meio: os acervos de obras raras como simples depósitos de livros, onde podem ser devidamente protegidos, e os bibliotecários responsáveis por esses acervos como meros mantenedores da ordem nesse ambiente? Tendo por base a opinião de diversos autores que permeiam a bibliografia desse trabalho, e serão discutidos ao longo dele, é seguro afirmar que não.

⁸ Apesar de haver muito debate sobre o que deve ser considerado raro, um consenso na literatura a esse respeito pode ser considerado como os três seguintes fatores: 1º dificuldade de se encontrar um exemplar, ou primeiras edições; 2º importância da obra para a instituição a que se dedica e; 3º características únicas de um determinado exemplar (assinaturas, erros de impressão, ou pertencentes a personalidades ilustres).

⁹ Para ilustrar isso, Pomian (1985, p.52) cita que na Europa, no ano de 1974, foram furtadas 4785 telas de grandes mestres.

Em primeiro lugar vejamos a “biblioteca de livros raros” como uma instituição separada. William T. Joyce em seu artigo *Special collections in American Research Libraries* discorre sobre a origem dos conceitos que fundamentam a raridade de um livro, e a evolução histórica da formação de coleções especiais em bibliotecas estadunidenses. Nesse texto, Joyce (1988, p. 24-26) responsabiliza a origem do termo “livro raro” ao crescente mercado livreiro e do colecionismo bibliográfico que se expandiam paralelamente à profissionalização da atividade acadêmica. Com as atividades acadêmicas se desenvolveu também a noção de “cânone” de uma área, isto é, textos essenciais de autores renomados, que delimitavam o campo de estudo dessa área. Houve, então, um crescente interesse do meio acadêmico pelo uso de materiais em suas fontes impressas originais. Essa valorização persiste até os dias de hoje, como diz Allen (2009, p. 111) “quando alunos, ao lado de seus professores, tomam posse de materiais originais, uma conversação de proporções míticas se torna possível”, demonstrando assim a importância do acesso a obras originais, que ainda prevalece em meio a uma sociedade onde os avanços tecnológicos chegam muitas vezes a ameaçar formas tradicionais como o livro impresso.

Em vista desse panorama, coleções de livros raros começam a ser comuns nas bibliotecas americanas. Joyce detecta uma diferença no desenvolvimento dessas coleções, e divide o fenômeno em fases. A primeira fase do desenvolvimento de coleções de livros raros ocorre nos primeiros 30 anos do século XX, em que surgem as salas do tesouro¹⁰, e as primeiras salas de leitura de livros raros. Dessa forma, os livros de maior interesse eram mantidos separados, para um uso mais controlado. Uma nova fase de crescimento desse tipo de coleção ocorre com a expansão da educação superior nos anos de 1960, ocorrendo o aumento do número de instituições de ensino superior, e por conseqüência o número de bibliotecas. Em suma, todo o processo que gera a criação de coleções especiais de obras raras tem motivações de salvaguardar materiais tidos como raros, para fins de pesquisa (JOYCE, 1988, p. 24-26).

Em um artigo que estuda a qualificação profissional dos responsáveis pelas coleções de obras raras de diferentes instituições de ensino superior nos Estados Unidos, Susan M. Allen (2009, p. 112-113) descreve a situação corrente da malha de coleções de obras raras presentes nas universidades do país. Nesse estudo, vemos que mais de 95% das bibliotecas de universidades americanas possuem coleções especiais de obras raras, e do total de bibliotecas pesquisadas, quase 30% não possuíam nenhum bibliotecário responsável por essa coleção, e

¹⁰ As salas de tesouro consistiam em basicamente cofres, onde os livros mais valiosos eram guardados, e de onde só eram retirados pelo responsável pela coleção.

se possuem, menos de 20% do total pesquisado tem mais de um funcionário responsável pelo setor.

Esses dados apontam a importância da existência do setor de obras raras em suas bibliotecas universitárias, pois a maioria dessas o possuem, sendo sua existência quase que uma regra. Contudo a falta de profissionais especializados tem se tornado um fator de preocupação por parte de especialistas. Em um estudo organizado por uma força-tarefa dedicada a determinar um curso de ação apropriado para suprir a demanda por profissionais especializados no gerenciamento dessas coleções, chegou-se à conclusão que esses profissionais serão cada vez mais necessários, pois há uma tendência cada vez maior da criação dessas coleções (SCHREYER, 2004, p.4).

Também podemos inferir uma incerteza quanto ao profissional dedicado à área. Seria um bibliotecário realmente necessário em um setor como esse? Ou um curador seria um profissional mais adequado? Um arquivista talvez? Muito provavelmente a resposta mais adequada a essa questão não será um desses três indivíduos, e sim “todos os três”. O trabalho exercido pelo bibliotecário de obras raras tem cada vez mais se confundido com o de profissionais de outros campos de atuação, sendo assim importante o constante intercâmbio de experiências de atuação (WHYTE, 2007, p. 53-54).

Sob essa perspectiva é interessante estudar as funções e qualificações demandadas a um profissional que pretende atuar nessa área. Essas qualificações, como vimos anteriormente, são determinadas pela visão que temos sobre o material que estamos tratando: o livro. Um livro raro demanda uma abordagem diferenciada, pois diferentemente dos demais livros, ele é único. Do contrário, uma 1ª edição de um romance conceituado como *Dom Casmurro*, teria o mesmo tratamento de uma 56ª edição do mesmo livro, ou a 56ª poderia até ter um valor maior, pois apresenta o mesmo conteúdo da 1ª edição, além de obviamente se tratar de um livro mais novo e melhor conservado. Contudo, isso não é o que ocorre, livros raros não são valorizados unicamente pelo seu conteúdo, mas sim pelo conjunto de fatores que o tornam único. A 1ª edição de uma obra clássica de Machado de Assis então tem um significado especial não somente pelo seu conteúdo, mas pelo livro como um todo. O tipo de encadernação, o papel utilizado, assinaturas internas e erros tipográficos, podem ser até mais importantes do que o conteúdo do livro em si, pois a história que o livro conta é facilmente replicada na 56ª edição, enquanto os fatores que tornam o exemplar da 1ª edição único são de impossível duplicação. O livro raro então passa a ser entendido como um bem que tem a necessidade de ser preservado, que garante ao seu detentor o poder sobre uma parte da

história. É esse “poder”, que sob a minha percepção, motiva o colecionismo acirrado apresentado pelos bibliófilos, e distancia o livro raro da noção comum de livro como retentor, e transportador de informação.

Com essa perspectiva, a visão sobre o bibliotecário também deve mudar, pois seu objeto de estudo e trabalho muda, conforme muda sua função na sociedade. Esse objeto (o livro raro) exige preservação, pois ele é um dentre poucos, e muito almejado. A pessoa responsável por esse material deve estar apta a entender essas obras com a perspectiva diferenciada que elas proporcionam. O bibliotecário então deve ter características muito presentes nos colecionadores de livros, que entendem a fundo a importância de suas coleções, mas com seus objetivos aliados a um caráter mais social do que estes.

No Brasil o setor de obras raras é comumente desvalorizado em relação aos demais setores de uma biblioteca. Diferentemente do que ocorre nos Estados Unidos, não é estranho ir ao setor de obras raras e encontrar como responsável um profissional recém formado, e com pouca experiência no mercado de trabalho. Nos Estados Unidos a situação é diferente, como observa Reifschneider

Nos EUA, pelo contrário, as vagas em departamentos de obras raras são sempre ocupadas por funcionários especializados. Basta analisar algumas chamadas de currículos para preenchimento de cargos do gênero, disponibilizadas na lista de discussões online Exlibris (desde 1991), formada majoritariamente por bibliotecários estadunidenses. Destes é freqüentemente exigido que tenham mestrado, por vezes doutorado, que consigam ler latim, e outra língua além de inglês e, claro, os salários são condignos às qualificações exigidas (REIFSCHNEIDER, 2007, p.71).

A exigência por um profissional com qualificações elevadas, nas coleções de obras raras em instituições dos Estados Unidos, contribui para exaltar a importância do setor.

Reifschneider (2008, p.6) também cita a importância de outra espécie de profissional que esteja à disposição do setor de obras raras. Esse profissional é o especialista na restauração de documentos. Cursos de restauração, até pouco tempo atrás, eram escassos, e havia poucos profissionais capazes de executar tal tarefa, formados geralmente em cursos na Itália e Espanha. Porém a Associação Brasileira de Encadernação e Restauo (ABER) tem desenvolvido cursos de higienização, costura e douração de acervo, entre outros.

Pinheiro em seu artigo “A biblioteconomia de livros raros no Brasil: necessidades, problemas e propostas” cita a problemática existente na área e discute a deficiência na formação acadêmica dos profissionais que tendem a atuar na área no Brasil. Para ela, o profissional interessado em obras raras deve ter conhecimento apurado sobre assuntos como a

história do livro, codicologia, encadernação, papel artesanal e industrializado, marcas de propriedade, e ex-librística. Pinheiro (1990, p.46) ainda cita que tais matérias são “monopolizadas por bibliófilos e artistas, de modo geral, autoditadas no colecionismo de livros preciosos”, ressaltando assim a necessidade, demandada inteiramente pelo livro, de aproximação do bibliotecário com o colecionador de livros raros.

5.4 A área de atuação profissional

As habilidades profissionais de um indivíduo que mantém uma coleção de obras raras são temas de constantes debates atualmente. Há uma incerteza sobre se todas as competências necessárias para executar suas funções nesse setor estão na pauta curricular dos cursos de biblioteconomia existentes no Brasil. Muitas dessas competências podem ter um escopo diferente do abordado durante todo o curso de biblioteconomia, assimilando aspectos de áreas correlatas, como a museologia ou a arquivologia. Um livro raro agrega aspectos diferentes que o aproxima dos objetos de estudos desses cursos, que mesmo estando situados em uma área comum (as Ciências da Informação), tem as suas fronteiras bem distintas. O livro, o arquivo, requerem profissionais distintos para adequá-los aos parâmetros que a sociedade acredita que sejam as suas serventias. O livro raro então parece ser um objeto híbrido dessas áreas de estudo, onde sua importância como artefato, e como documento que retrate a memória do conhecimento, podem até suplantar o anseio de uma biblioteca por disponibilizá-lo aos seus usuários, em detrimento de sua conservação.

As coleções de obras raras vêm em resposta para esse dilema, em que a intenção é manter o livro raro em condições que favoreçam a sua conservação, de uma forma que não vá contra aos objetivos de uma biblioteca, que são de disponibilizar o conhecimento contido nos seus livros para a sociedade.

O conhecimento do bibliotecário acerca do seu acervo, em uma coleção de obras raras é requerido de uma forma diferente da que geralmente é esperada na profissão de bibliotecário.

Os bibliotecários não buscam apenas a citação bibliográfica, mas toda e qualquer informação sobre a obra, autor, o período da escrita, as motivações que provocaram o seu conteúdo. A busca deve ir se estendendo por enciclopédias,

dicionários, livros sobre livros, até o bibliotecário pesquisador obter dados interessantes para destacar a obra em exposições e divulgação impressa. (SILVA, 1990, p.123).

Esse aspecto pode ser considerado como uma das principais distinções do bibliotecário de obras raras. Enquanto o profissional responsável pela coleção principal de uma biblioteca deve atentar principalmente para o conteúdo dos livros, sabendo o assunto de que tratam, onde localizar materiais que abordem temas semelhantes, para o profissional de obras raras é imprescindível estar disposto a apurar sobre os aspectos físicos, históricos, e minúcias peculiares de cada exemplar que ele se dispõe a organizar, pois esses são os fatores que tornam o exemplar raro em único. Para o responsável por uma coleção de livros raros, o seu acervo deve ser tratado como portador de verdadeiras obras de arte, em que todos os seus aspectos físicos são importantes.

O bibliotecário responsável pelo setor de obras raras ganha também uma função de destaque de ser um catalisador de recursos para sua instituição.

O papel de bibliotecários de coleções especiais está expandindo para englobar um aumento de fundos para apoiar os esforços da biblioteca da universidade nessa área. E também há papéis e responsabilidades completamente novas, principalmente aquelas que exigem compreensão tecnológica e habilidades de colaboração para a criação, a entrega, e a preservação de acervos digitais (SCHREYER, 2004, p. 8, traduzido).

Assim sendo, o responsável pela coleção de livros raros passa a ter também a função de chamar a atenção para o seu trabalho e atrair investimentos para o desenvolvimento de seu setor.

As funções já conhecidas de um bibliotecário também estão presentes nas atividades desse setor. Schreyer, citando as resoluções da conferência Hidden Collections, fala sobre a prática dos processos técnicos ocorridos nas coleções especiais desse tipo “trabalhos tradicionais como os processos de catalogação e arquivamento precisam ser redefinidos e executados de maneiras diferentes. Instrução, divulgação, e serviços de interpretação estão assumindo uma prioridade muito maior” (SCHREYER, 2004, p. 8, traduzido). Assim, atividades como catalogação ganham um aspecto diferente, exigindo uma adaptação de normas para o funcionamento do sistema, e se desenvolve igualmente a preocupação de se definir uma política de seleção que defina e organize os materiais que fazem parte dessa coleção. Contudo, para definir-se uma política de seleção, é necessário definir o que é passível de ser considerado raro.

5.4.1 O conceito de raridade

Ao profissional dedicado ao setor de obras raras é incumbida a grande responsabilidade de determinar a raridade de um material. Avaliando um acervo ele pode se deparar com um livro incomumente antigo, que lhe chame a atenção. Pode passar pela sua mente que esse livro pode ser considerado uma autêntica obra rara, pois querendo ou não, não há muitos dele. Pelo menos não naquela prateleira de biblioteca. Mas seria mesmo esse livro um exemplo de uma legítima obra rara somente por ser um livro antigo, e provavelmente, com poucos exemplares restantes?

Quando analisamos o conceito que temos sobre o que poderia ser considerado como raro numa coleção de livros nos deparamos com um dilema: será que o que consideramos é isento de subjetividade, ou estaríamos levando nossos gostos pessoais e opiniões em consideração quando exercemos essa tarefa? O conceito de preciosidade pode variar bastante de indivíduo para indivíduo, e por decorrência, de instituição para instituição, podendo nem sempre considerar aspectos que tornariam um exemplar banal em raro, ou vice-versa. Tendo isso em vista, faz-se necessário uma conceituação sobre a raridade de um livro.

Podemos partir de um princípio em que um livro raro, ou potencialmente raro, se referencia na antiguidade de um material. Pinheiro, entretanto, atesta que a idade de um livro nem sempre o torna um exemplar digno de pertencer a uma coleção de obras raras. Ela exemplifica que “no final do século XVII e ao longo do XVIII, muitas edições eram panegíricas, com o nome do patrocinador estampado na página de rosto; o texto, vez por outra, era truncado, incompreensível. Além disso, publicava-se de tudo” (PINHEIRO, 2003, p.31), portanto a antiguidade de um livro não é o bastante para considerá-lo raro.

Porém, não há um método cientificamente eficaz que comprove a raridade de um material como dizem Andrade e Catalino em seu artigo publicado no VII Congresso do livro raro

Dizer algo sobre a raridade de um livro não é afirmar nada que possa ser verificado como verdade, contudo, não deixa de ter sentido e importância a afirmação do valor de raridade. Não sendo uma realidade objetiva e verificável é, entretanto, um juízo de valor intersubjetivo, mediado no plano da linguagem. Portanto um juízo público. Nenhuma autoridade por si mesma pode determinar o valor de raridade. Não há, ou melhor, não nos interessa nada como: “um livro raro somente para mim”. Se alguém está convencido do valor de raridade de um

documento, deverá aprender a encontrar boas razões, ou seja, bons argumentos para tornar este julgamento mais convincente e mais amplo (ANDRADE; CATALINO, 2003, p.55).

Para esses autores o fator raridade de um livro é determinado pelo desenvolvimento de valores culturais em uma sociedade, pois com o passar dos tempos estes são cultuados ou esquecidos. Passa então a ser papel de agentes, que são formados pela população interessada (constituída principalmente por livreiros, curadores de museus, colecionadores e bibliotecários), determinarem o que é considerado raro por meio do seu campo de atuação. (ANDRADE; CATALINO, 2003, p.56). Esse processo é intrínseco, e não é consciente. A sociedade por meio de seu mercado acaba por definir o que será raro, e o que será banal e esquecido. Ao vermos essas relações por essa ótica, podemos considerar esse processo como um exercício de poder que o mercado possui, que julga as qualidades históricas¹¹ das obras existentes.

Apesar disso, há uma ausência de consenso sobre o que é um material raro. Essa ausência é uma questão que preocupa outros estudiosos da área.

Inexiste uma política norteadora da área de raridade bibliográfica que padronize o tratamento dispensado ao livro raro, havendo inclusive divergências sobre a própria determinação de raridade. Diferentes instituições adotam procedimentos diversos no tratamento dos mesmos livros, revelando não apenas a divergência que há na área, como também a ausência de diálogo eficaz entre os envolvidos na mesma. Infelizmente, além de confundir o leitor leigo, tais disparidades prejudicam a atuação dos próprios profissionais (CARTERI, 2002, p. 33).

Carteri em seu artigo clama por alguma espécie de unidade na formação de uma política unificadora de seleção de obras raras, mas esse tipo de unidade é improvável de ser alcançada mesmo em âmbito nacional, visto que no Brasil não há uma instituição que se dedique a formação de normas a serem adotadas pelas bibliotecas aqui situadas.

A solução encontrada por Pinheiro (2009) nesse aspecto foi a de definir os conceitos por trás dos termos “raro”, “precioso” e “único” para que a partir daí pudesse sugerir um modelo mais amplo que apoiasse bibliotecários na criação de suas políticas de seleção de obras raras. Raro então passa a ser algo entendido como tal por si mesmo, em qualquer lugar do mundo. Precioso é algo que não é suficientemente raro por si mesmo, mas que consegue seu status de raridade dentro de uma instituição, pelo seu significado pessoal para com aquela.

¹¹ Refiro-me aqui como “qualidade histórica”, o impacto que uma determinada obra, ou autor tem ou teve sobre a sociedade, não importando assim as qualidades técnicas do material. Um livro que, mesmo bem escrito, que não teve repercussão, seja pelo seu autor ou pela obra em si, tem a tendência de ser esquecido.

Único, representa a idéia de exemplar “único conhecido”, ela evidencia o fato desse termo não poder ser encarado de forma absoluta, pois não há maneira de comprovar a não existência de outros exemplares similares perdidos em alguma biblioteca, ou escondidos em coleções particulares (PINHEIRO, 2009, p.32; FLAUBERT, 19-? apud PINHEIRO, 1989 p.78-83).

5.4.2 A Política de seleção

Tendo em vista a amplitude do termo “obra rara”, e a ausência de uma política nacional norteadora, cada biblioteca que deseje formar uma coleção deve formar também sua própria política que defina quais materiais virão a fazer parte dessa coleção. Essa política, na prática, vai ser embasada em políticas de outras instituições que já as têm bem definidas, e principalmente na política de seleção utilizada pela Fundação Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro que tem bastante credibilidade na manutenção desse tipo de acervo (RODRIGUES, 2006, p.115; RABELO, 2010).

Contudo, uma política de seleção de obras raras de uma instituição não deve ser sumariamente adotada por outra. Ela deve ser elaborada de forma que seja condizente com a realidade de sua instituição. Pinheiro (2009, p. 33-36) menciona fatores que devem ser avaliados pelos participantes na criação dessa política. São cinco fatores, que para ela devem ser levados em consideração. São eles:

- *limite histórico;
- *aspectos bibliológicos;
- *valor cultural;
- *pesquisa bibliográfica;
- *características do exemplar.

O limite histórico é um período de abrangência, em que os materiais são selecionados por fazerem parte dessa época. Como diz Pinheiro “a avaliação de um livro pela data de publicação tem sido considerada como um dos 'métodos' mais seguros para sua qualificação como raro” (PINHEIRO, 2009, p.34). Os aspectos bibliológicos refletem as qualidades externas do livro. Impressões com acabamento de luxo, ou tiragem limitada, entram nesse critério. O valor cultural leva em consideração características estruturais e substantivas de

uma obra, fatores como relevância intrínseca que ela retém em sua área. Porém, com esse critério, corre-se o risco de expressar opinião que pode acompanhar a mentalidade dominante de uma época. Pinheiro destaca também que “o valor cultural confunde-se com o 'valor de memória', que só pode ser atribuído ao livro no âmbito da instituição guardiã, como síntese de seu universo” (PINHEIRO, 2009 p, 35) explicitando que esse aspecto não se limita a preservação da memória de uma instituição. Livros que entram no critério de “pesquisa bibliográfica” são dignos de guarda por tratarem de livros potencialmente raros, como por exemplo, a *Bibliografia brasiliense* que é considerada a principal fonte de referência sobre livros raros no Brasil (RODRIGUES, 2010). E por fim Pinheiro considera algumas características de um exemplar que possam torná-lo único, como a presença de marcas de propriedades de pessoas ilustres, estado de conservação atípico (PINHEIRO, 2009, p.33-36).

Andrade e Catalino em seu artigo propõem uma visão diferente sobre a adoção de critérios de raridade por uma biblioteca, onde

Ao invés de ver neles uma relação de indícios de que um livro é 'realmente' raro, podemos encará-los como premissas que, sem dúvida, poderão servir a uma argumentação razoável que promova o convencimento (o entendimento racional) e a persuasão (a mudança de conduta) dos agentes culturais interessados. Uma relação de estruturas argumentativas no lugar de uma relação de critérios pseudo-objetivos (ANDRADE; CATALINO, 2003, p.55).

Nesse artigo, Andrade e Catalino fazem uma crítica velada às políticas de seleção adotadas pelas bibliotecas, apoiando um método onde há uma maior participação de indivíduos externos aos quais é atribuída a designação de “interessados”. O termo é adotado, pois “as vantagens do uso desse termo sobre o já clássico termo usuário é que ele abrange, de modo ainda mais universal, todos os agentes culturais que, sejam quais forem as motivações e circunstâncias, estão ocupados com o problema da raridade” (ANDRADE; CATALINO, 2003, p.55-57, grifo do autor). Esse método aparenta mais credibilidade na organização de uma coleção de obras raras, porém não é viável para a maioria das bibliotecas, pois requer uma disposição de pessoal e tempo com o qual a maioria das bibliotecas pode não estar preparada para se comprometer.

5.4.3 Formando o acervo de obras raras

Colocar em prática o que se definiu como raro pode ser uma tarefa muito difícil, ainda

mais quando se forma uma política muito exigente. No Brasil há uma dificuldade ainda maior, pois muitas coleções brasileiras (que se dedicam a publicações brasileiras) só estão disponíveis no exterior (SILVA, 1990, p. 120) evidenciando portanto uma falta de “cultura livreira”, ou pelo menos como essa cultura se apresenta em outros países pois se torna mais difícil coletar materiais quando estes não existem em número suficiente. Silva trata dessa situação de forma bem dramática

Aos bibliotecários de obras raras, como aos livreiros antiquários, cabe o papel de detetives, em busca dos poucos livros que restaram no País, e que ainda não foram devorados pela fauna tropical, ou ressecados pelo sol causticante (principalmente nos estados do Norte e Nordeste), ou mofados pela alta umidade (SILVA, 1990, p.120)

Para a formação de acervos especiais geralmente a solução encontrada é procurar fontes externas para captação desses materiais. É muito comum nos dias de hoje coleções completas de bibliófilos serem leiloadas após suas mortes. Por esse método, é possível comprar lotes de obras que se enquadrem na política de seleção adotada. Apesar de haver o risco de se estar adquirindo materiais duplicados, ou exemplares de pouco interesse para a coleção, uma “instituição que quer adquirir obras raras deve ser hábil para responder às oportunidades de aquisição, em tempo recorde e fora de prazos comuns” (SILVA, 1990, p. 122).

É importante ressaltar também que uma coleção de obras raras não deve se restringir unicamente a livros. Silva (2011, p 56) cita a possibilidade de uma coleção abrigar materiais diferentes de livros, como mapas, selos, medalhas, moedas, e revistas em quadrinhos. Para esse ultimo tipo, ele cita o exemplo da revista *Action Comics #1* (figura II) que recentemente chegou a ser a revista em quadrinho mais valiosa do mundo, sendo leiloadada no dia 30 de novembro de 2011, pelo valor histórico de US\$ 2,16 milhões. Revistas em quadrinhos muitas vezes são menosprezadas pelas bibliotecas brasileiras, que geralmente apresentam resistência em formar uma coleção desse tipo. Para um bibliotecário de obras raras é interessante sobrepujar até mesmo barreiras como estas, e ser capaz de identificar materiais raros além de livros.

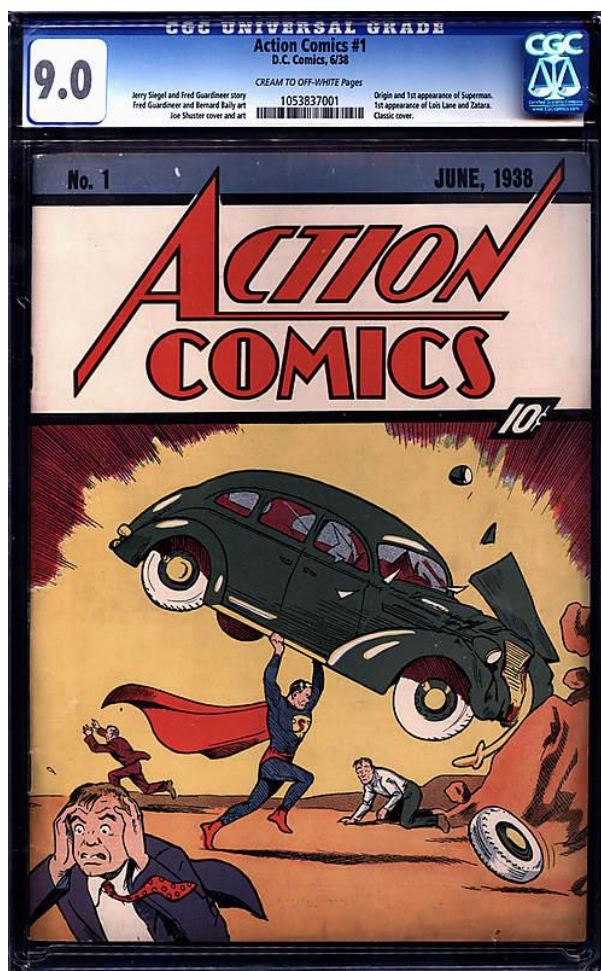


Figura II: Action comics #1, o numero acima da capa representa o grau de conservação do exemplar, que varia de 0 até 10. Esse exemplar é o mais bem conservado conhecido, daí sua altíssima raridade.

Fonte: <http://www.comicconnect.com/>

5.4.4 Processamentos técnicos em livros raros

As regras propostas pela *Gesamtkatalog der Wiegendrucke*¹² (figura II) são utilizadas mundialmente e amplamente divulgadas pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro como o padrão mais correto a ser adotado em uma biblioteca que tenha uma coleção de obras raras (SILVA, 1990, p.123). Consistem em um método de catalogação exaustivo, onde todos os

¹² O *Gesamtkatalog der Wiegendrucke* (Catalogo Geral de Incunábulo, em tradução livre) é um projeto da Biblioteca Estadual de Berlin (Staatsbibliothek zu Berlin) que intenciona formar um catálogo único de incunábulo de todo o mundo. O primeiro volume desse catálogo foi lançado em 1929, e o mais recente em 2009.

detalhes de uma obra são devidamente anotados.

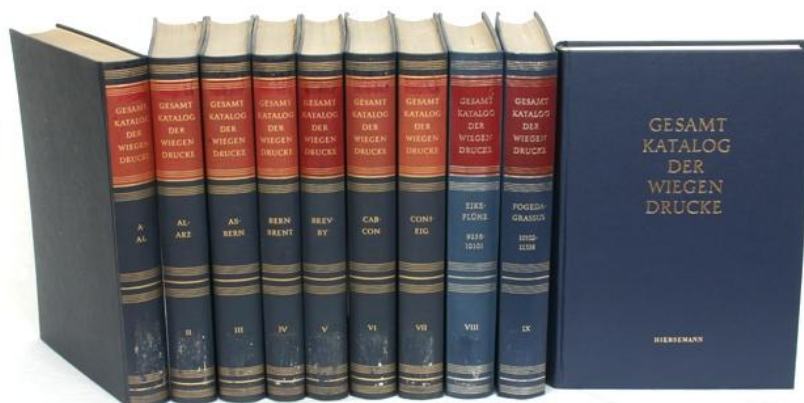


Figura III: Catalogo geral de incunáveis (Gesamtkatalog der Wiegendrucke)

Fonte: <http://www.gesamtkatalogderwiegendrucke.de/>

Como livros antigos estavam sujeitos a outras regras bibliográficas, tornava-se imperativo que todo detalhe de um livro raro fosse descrito

...o formato torna-se um dado não descartável. Extensas notas descrevem os cadernos, os tipos de letras, a mancha tipográfica, as ornamentações, etc., que fazem tal tiragem especial. Notas de exemplar destacado são as que citam dedicatórias, anotações marginais, encadernação de luxo, ex-líbris, erros tipográficos, etc. (SILVA, 1990, p. 123).

Isso faz com que o processo de catalogação de uma obra rara por meios tradicionais seja muito mais dispendioso.

Pinheiro (2003) em seu artigo discorre sobre uma metodologia que pode tornar mais ágil o processo de catalogação de obras antigas. A fotobibliografia é o processo em que somente a folha de rosto de um livro é transcrita exhaustivamente, por meio de uma foto e notas descritivas na mesma. Essas fotos são organizadas de forma a compilar um catalogo com todas as obras existentes na coleção de obras raras. Esse método apesar de ser inferior ao proposto pela *Gesamtkatalog der Wiegendrucke*, que se refere à quantidade de informação disponibilizada pela catalogação, é válido por montar um catalogo que facilita o acesso a toda a coleção (PINHEIRO, 2003, p. 31).

5.4.5 Digitalizações de livros raros

Uma crescente tendência em meio a coleções de obras raras é a digitalização. Pelo processo de digitalização de obras raras, é possível dinamizar o acesso a esses materiais, colocando-os em uma plataforma de acesso eletrônico, diminuindo assim o uso dos originais. Contudo, há fatores que devem ser considerados antes da adoção de um sistema de digitalização por parte da biblioteca e do bibliotecário.

O custo para implantação e manutenção de um sistema de digitalização, a capacitação dos funcionários, a qualidade e a evolução da tecnologia empregada, além das possíveis implicações legais que possam cercar a digitalização de materiais que ainda não entraram em domínio público, são fatores apontados por Greenhalgh (2011, p.160) que devem ser considerados antes da adoção desse sistema.

O maquinário necessário para a digitalização de materiais raros tem um custo muitas vezes maior que o orçamento que a maioria das bibliotecas comporta. Um scanner planetário, equipamento próprio para a digitalização desse tipo de materiais, tem valores altíssimos no mercado (figura III).



Figura IV: Scanner planetário avaliado em R\$150.000,00

Fonte: <https://ssl877.websiteseuro.com>

Porém, a digitalização também pode ser nociva aos livros. Expor materiais frágeis à luz intensa, e abertura de sua encadernação, pode ser uma imprudência, acarretando danos irreversíveis. Por isso a decisão de se adotar um sistema desse tipo deve ser avaliada levando em consideração todas as suas implicações.

5.6 Adequação do profissional em Obras Raras

Coleções de obras raras parecem ser um ponto de convergência das demais áreas das Ciências da Informação, com a biblioteconomia. Algumas coleções de livros raros, por exemplo, poderiam facilmente ser confundidas com itens de museu, devido às suas características históricas e artísticas bem visíveis. A mesma visão pode ser empregada em comparação a arquivos permanentes, que se dedicam a função de guarda de documentos de significado histórico. A importância desses arquivos pode ter um caráter museológico devido a sua relevância histórica.

Contudo, Jardim em seu artigo “A invenção da memória nos arquivos públicos”, faz um levantamento na literatura da área a esse respeito, e percebe que a “memória parece visualizada sobretudo como **dado** a ser arqueologizado e raramente como **processo e construção sociais**” (1995, p.1, grifo do autor). Jardim percebe uma predominância da necessidade de preservação de arquivos históricos sobre a disponibilização desses para um grande público, distanciando assim, em parte, arquivos permanentes de museus e bibliotecas em geral, onde entendo que têm por seu objetivo maior a disponibilização de seus materiais para o público. Apesar disso, nota-se que coleções de obras raras portam-se de maneira diferente, mais próximas ao *modus operandi* de sua correspondente arquivística, sendo em geral mais fechadas ao público do que o resto da biblioteca.

O fato de arquivos permanentes e coleções de obras raras de uma biblioteca terem um caráter mais restritivo no seu acesso no entanto, não deve ser visto como um desserviço à sociedade. Beasley cita que um ambiente de um arquivo permanente se torna de certa forma hostil ao usuário externo, onde os arquivos são mantidos em “seqüências de seqüências de caixas livres de acidez, pastas livres de acidez e, prateleiras de metal inerte cinza, em um ambiente climatizado e controlado” (2007, p. 23, traduzido), gerando assim uma paisagem intimidadora ao visitante. Coleções de obras raras possuem esse mesmo aspecto, com suas coleções situadas em salas climatizadas, e coleções que requerem do usuário vestimentas adequadas (luvas, mascaras) tanto para a proteção do usuário, como para os livros.

Atualmente convivemos com a crescente tendência à digitalização, resolvendo assim, em parte, o problema de acessibilidade desses materiais. Mas mesmo dessa forma, como já apresentado, nem todo material está apto a ser digitalizado, e nem todas as instituições possuem equipamento adequado para realizar um processo de digitalização, deixando assim o

bibliotecário incumbido da tarefa de expor seu acervo ao usuário interessado, e preservar sua coleção ao máximo o possível.

Para os profissionais que atuam na área, é interessante uma troca interdisciplinar entre esses campos que abordam um contexto semelhante, com um acervo que apresenta características e importância social similares, pois alguns aspectos das atividades exercidas pelos profissionais que atuam nesses campos podem ser bem empregados se utilizadas no ambiente de uma coleção de obras raras.

5.6.1 Coleções de livros raros como objetos de museus

Quando analisamos a função de uma coleção de obras raras dentro de uma biblioteca, podemos supor que ela funcionaria, pelo menos em parte, como um museu, tendo uma certa responsabilidade pela divulgação, e a difusão da importância de seu acervo. Beasley (2007, p.24) coloca que essa comparação pode parecer adequada, mas está errada em seus fundamentos. Para ele, a diferença fundamental entre bibliotecas e museus é que “as bibliotecas são em geral sistemas, enquanto museus são programas” sendo as bibliotecas, em suas funções básicas, voltadas para seus próprios mecanismos de organização, e museus mais comprometidos com a disseminação do conhecimento sobre seu acervo.

Para Tanselle, coleções de livros raros não podem ser consideradas como coleções de museus

se as características intangíveis de objetos não podem ser preservadas em espaços físicos, então certamente não podemos as exibir em espaço físico. E se não podemos exibir um trabalho em um espaço, não vejo como esse objeto pode ser considerado como um objeto de museu (TANSELLE, 1990, p. 19, apud BEASLEY, 2007, p. 25-26).

Sob essa perspectiva, uma coleção de livros raros não pode ser considerada como objeto de museu porque os fatores que tornam um exemplar raro, não podem ser exibidos em uma exposição, dependendo assim de uma interação previa do indivíduo exposto a essas obras, com o material de origem. Como diz Beasley (2007, p. 26) “nenhuma contemplação de uma primeira impressão de um exemplar de Shakespeare converteria valores intangíveis em tangíveis a menos que já se tenha lido Shakespeare”.

Essa visão desvaloriza de certa forma os aspectos físicos (o livro), valorizando o conteúdo (as idéias contidas no livro), para assim justificar a separação entre biblioteca e

museu. Contudo, a meu ver, esses motivos não parecem ser totalmente adequados. Museus e coleções de obras raras se diferenciam em seus focos de atuação. Enquanto as bibliotecas de obras raras têm sua preocupação maior em preservar seu acervo raro, que acaba resultando em uma diminuição da acessibilidade a esse material, os museus têm, dentre as suas funções, a de divulgação, por meio de exposições de suas coleções. Porém mesmo essa situação é bem relativa, pois nada impede que bibliotecas organizem exposições de suas coleções, e assim o fazem para divulgar a sua importância, ou como aponta Beasley (2007, p. 26), que museus de pesquisa adquiram materiais, sem a intenção de expô-los. Vale mencionar também o fato que ocorre em muitas bibliotecas com coleções de obras raras, que por vezes optam por ressaltar a similaridade de sua coleção com itens de museus, nomeando o responsável pelo setor como “Curador das Coleções Especiais”, como por exemplo na Biblioteca da Universidade de Urbana-Champaign de Illinois, nos Estados Unidos (REIFSCHNEIDER, 2007, p.72).

5.6.2 Intercâmbio entre Bibliotecas e Museus

Percebemos atualmente uma troca de técnicas entre os museus e as bibliotecas. Muitas bibliotecas, ao criarem uma área de coleções especiais, podem optar por adquirir artefatos antigos, que não livros, e organizar exposições com o intuito de atrair público. E museus por sua vez, estão cada vez mais adotando práticas descritivas assemelhadas à catalogação, em seus sistemas de organização (WHYTE, 2007, p. 54).

Esse panorama nos fornece uma visão da área de intersecção entre a biblioteconomia e a museologia, e no caso da biblioteconomia essa área se situa muito provavelmente em uma coleção de obras raras. Ao assumir a responsabilidade por uma exposição com materiais do seu setor, o bibliotecário de obras raras assume um papel semelhante ao de um curador, tomando para si a responsabilidade de apresentar sua coleção a um determinado público.

5.7 Coleções de Obras Raras no Brasil

A tendência de criação de coleções de obras raras não é um tema freqüente na literatura da área no Brasil, mas percebe-se uma semelhança na gênese das maiorias das coleções. É muito comum criar coleções de obras raras para acomodar materiais oriundos de

coleções já existentes, que de alguma forma foram herdadas, ou adquiridas pela biblioteca. Coleções como Biblioteca de Obras Raras Professor José Pedro Xavier da Veiga, que hoje pertence à Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), ou mesmo a Fundação Biblioteca Nacional (FBN). A biblioteca da UFOP começou sua coleção de obras raras agregando o material doado à antiga Biblioteca da Escola de Minas pelo professor francês Claude Henri Gorceix, o fundador daquela escola. O mesmo pode ser dito da coleção de obras raras da FBN, formada em princípio com muitos materiais raros antes pertencentes à realeza européia que veio para o Brasil em 1808.

Se formos considerar esse processo como chave para o desenvolvimento de coleções de obras raras no Brasil, podemos nos arriscar a fazer um paralelo com o desenvolvimento desse mesmo tipo de acervo nas bibliotecas dos Estados Unidos, como apresentado no início desse trabalho. Nas bibliotecas americanas, as coleções de obras raras aparecem de acordo com a necessidade de um meio acadêmico mais rigoroso, chegando a crescer vertiginosamente na medida em que aumentava a produção acadêmica. No Brasil, se considerarmos a criação dessas coleções como decorrência da aquisição de acervos valiosíssimos, percebemos a disparidade da visão que é dada aos profissionais e ao setor de obras raras no Brasil, com as instituições existentes nos Estados Unidos. Se nos EUA, o funcionamento do setor é relacionado intrinsecamente com o desenvolvimento acadêmico de uma universidade, tanto o profissional responsável como o setor ganham *status* importante dentro da instituição. Essa pode ser uma argumentação que responda a menor valorização dada ao profissional de obras raras no Brasil, apresentada anteriormente por Reifschneider.

Mas no Brasil podemos observar diversos motivos que nos levam a acreditar que o meio de obras raras ainda pode se destacar muito mais do que tem se destacado. Hoje encontramos artefatos importantíssimos, e de interesse mundial dentro de muitas coleções de obras raras de nossas bibliotecas. Como a supracitada FBN por exemplo, detentora de diversas coleções únicas no mundo. Também podemos destacar como um crescimento da importância desse meio com a criação da primeira biblioteca especialmente dedicada a obras raras na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

5.7.1 A coleção de livros raros da Fundação Biblioteca Nacional

A Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (figura V) é considerada pela UNESCO a

melhor biblioteca da América Latina, e uma das 10 melhores bibliotecas nacionais do mundo. É herdeira em essência da Biblioteca Real da coroa portuguesa, trazida para o Rio de Janeiro em 1808 junto com a sede do Império, que se transferia para o Brasil, com o intuito de fugir da invasão promovida pela França de Napoleão Bonaparte naquele período. O acervo trazido incluía cerca de sessenta mil itens, entre livros, manuscritos, medalhas, estampas e moedas. Grande parte desses materiais foram levados de volta quando em 1821, a corte voltou para sua sede em Portugal, mas os itens que permaneceram ficaram sob a guarda do Brasil, com o Tratado de Paz e Amizade, assinado em 29 de agosto de 1825, que reconhecia a independência do Brasil (PORTELLA, 2010, p.1-8).



Figura V: Sede atual da FBN

Fonte: <http://www.bn.br/portal/>

A Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, como hoje é conhecida, passou por diversos prédios, até ganhar em 1910 a sua sede atual. É a única beneficiária da lei do depósito legal, que atribui obrigatoriedade de envio de tudo que é publicado no Brasil, para a FBN. O Depósito legal tem a justificativa de preservar a memória nacional vinculando a liberação de ISBN, ao recebimento de um exemplar da obra. A FBN abriga também coleções de valor inestimável e únicas, como a coleção de fotos de Dom Pedro II, que constitui em um dos melhores acervos de fotos do século XIX, e a Bíblia de Mogúncia, o primeiro livro impresso por Gutenberg em sua prensa de tipos móveis. Hoje poucos exemplares desse livro sobrevivem, contabiliza-se cerca de 40, dentre os quais 2 estão situados na Biblioteca Nacional.

5.7.2 A Biblioteca de Obras Raras da UNICAMP

A rede de bibliotecas da Universidade Estadual de Campinas hoje é uma das maiores e mais respeitadas do seu tipo no Brasil. É constituída de 28 bibliotecas, subdividida em 5 áreas de conhecimento: bibliotecas na área de Biomedicina, de Artes e Humanidades, Ciências Exatas, Tecnologias, e de áreas multidisciplinares. A coleção de obras raras existente atualmente é parte das áreas multidisciplinares da Biblioteca Cesar Lattes.

Um grande avanço atual no ramo de coleções de obras raras no Brasil será a criação da Biblioteca de Obras Raras (BORA), que será inaugurada em 2012, e agrupará num espaço de 3500 metros quadrados cerca de 300 mil itens. O prédio será construído ao lado da Biblioteca Central da UNICAMP e terá 4 pavimentos dedicados exclusivamente a materiais raros (figura VI).

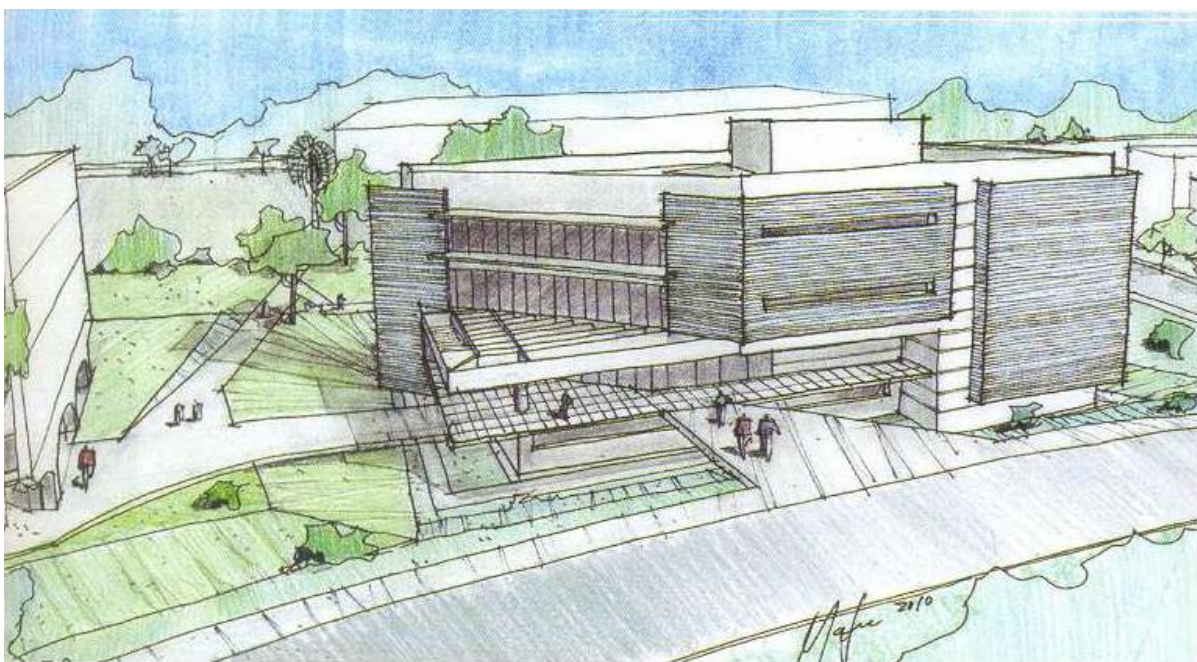


Figura VI: Projeto do futuro prédio da BORA

Fonte: <http://www.cgu.unicamp.br/>

Por ser a primeira biblioteca dedicada totalmente a obras raras, podemos perceber um aumento da importância dispensada a coleções de obras raras no Brasil. Também podemos subentender a criação da BORA como um marco para as coleções do gênero, que pode

fomentar o desenvolvimento de muitas outras coleções de livros raros. Esse fato, a meu ver, é essencial para a preservação de nossa memória, visto que mesmo os livros mais difundidos hoje, tendem a serem raros no futuro.

6. Considerações finais

Durante a realização desse trabalho, refleti muito sobre qual seria a melhor abordagem para a compreensão da importância de uma coleção de obras raras. Cheguei à conclusão de que não seria possível um entendimento completo da relevância de uma coleção de livros raros sem antes nos dispormos a estudar a história do livro, e qual a sua função para a sociedade de cada época em que ele esteve inserido. O livro sempre teve sua importância para a sociedade independentemente da época em que analisemos, mas a partir do século XV, com a invenção da imprensa por tipos móveis, vemos que ele passa a ganhar mais espaço como meio de comunicação de idéias. A produção crescente de livros, aliada a uma nova mentalidade advinda do pensamento renascentista, fez com que o livro ganhasse uma importância imprescindível para o funcionamento das sociedades que iriam despontar no futuro. A profissão de bibliotecário passa por modificações. Até então, o indivíduo que gerenciava uma biblioteca, o fazia, muito provavelmente, por uma afinidade pessoal com o desenvolvimento desse trabalho. Porém, com o advento do livro moderno, o gerenciamento de bibliotecas passa a cada vez mais ser uma tarefa que requer um profissional com qualidades técnicas bem pré-estabelecidas. Essas qualidades seriam fundamentais para o gerenciamento das cada vez maiores coleções de livros. Os conhecimentos técnicos que estão presentes no dia-a-dia de um bibliotecário, como a catalogação, classificação e indexação, foram desenvolvidos para atender às necessidades que o livro passa a agregar depois de sua massificação. Antes dessa massificação o livro era um objeto criado artesanalmente, e por conta disso, o bibliotecário tinha de desenvolver a organização de sua biblioteca de forma a acomodar esses livros. Hoje, curiosamente, o que ocorre é a situação inversa. Os livros tendem a atender às demandas das bibliotecas, ao seguir normas e padrões dentro de suas estruturas que permitem uma organização mais eficaz para aquelas. O campo de atuação de um bibliotecário de obras raras então é muito mais hostil, levando em consideração esses aspectos. Um livro raro, pode se demonstrar estranho para os padrões de organização hoje encontrados nas bibliotecas modernas. Como bibliotecários, podemos nos ver na posição de catalogar um livro escrito em alemão arcaico do século XIII. É claro que nesse caso específico a solução mais provável seria buscar a ajuda de um especialista, para entender melhor esse exemplar, contudo um profissional versado em línguas clássicas seria mais do que bem vindo nesse setor. Apesar disso, é comum encontrar profissionais recém formados, como responsáveis pela coleção de obras raras. O relativo atraso do Brasil no que diz respeito a conservação de coleções especiais desse tipo, reflete uma cultura que dá pouco valor à sua

própria história, visto que os livros são, na maioria dos casos, os únicos representantes “vivos” de uma época que já não existe mais. Por isso é interessante para os estudos da biblioteconomia um enfoque maior no que se refere a coleções de obras raras. Muito desse trabalho se baseia em estudos de outras áreas, como a história, a filosofia, e áreas correlatas como a arquivologia e a museologia. A forma com que esses campos de estudo tratam a conservação da memória pode ser muito bem aproveitada no curso de biblioteconomia, e uma integração maior somente teria desenvolvimentos benéficos.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. **A fabricação do imortal: memórias e estratégias de consagração no Brasil**. Rio de Janeiro, Rocco, 1996.

ALEN, Susan M. Rare Books and the College Library: Current Practices in Marrying Undergraduates to Special Collections. In: **Rare books & manuscripts librarianship**. Lawrence, Kansas, vol. 13 n. 2 , p. 110-119, Mar. 2009.

ANDRADE, Ricardo H. R. de; CATALINO, Maria das G. N. A raridade como questão epistemológica e política: um novo paradigma para os curadores de acervos especiais. In: BIBLIOTECA NACIONAL, **Anais da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro, 2003, v. 123, p. 49-58. Disponível em: < http://www.bn.br/planor/documentos/anais_123_2003.pdf >. Acesso em: 14 de maio de 2011.

ANDRADE, Rosane Maria Nunes. Bibliotecas: lugar de memória e preservação. In: **Patrimônio e memória**. São Paulo, v.4, n.2, p. 25-42, jun. 2009

BEASLEY, Gerald. Curatorial Crossover: Building Library Archives, and Museum. In: **Rare books & manuscripts librarianship**. Lawrence, v.8 n.1 p. 20-28, mar. 2007.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1985. 253 p.

CARTERI, Karin K. **O livro raro e os critérios de raridade**. Revista Museu [revista eletrônica], 2005. Disponível em: < <http://www.revistamuseu.com.br/artigos/artigos1.asp?ler=78> >. Acesso em: 14 de maio de 2011.

CHAUÍ, Marilena de Sousa. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. Sao paulo: Fund P Abramo, 2000.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Univ Est Paulista, 2001. 282 p.

FLAUBERT, Gustave. Bibliomanie: conte. In: _____. **Oeuvres complètes**. Paris: Éditions du Seuil, [91-?]. 2 t. T. 1, p. 78-83

GREENHALGH, Raphael Diego. Digitalização de obras raras : algumas considerações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 16, n. 3, p. 159-167, jul./set. 2011. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/viewFile/866/898>>

JARDIM, José Maria. A invenção da memória nos arquivos públicos. In: **Ci. Inf.**, Brasília, v.25, n. 2. 1995. Disponível em : < <http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/439/397> >

JOYCE, William T. The evolution of the concept of special collections in american research libraries. In: **Rare books & manuscripts librarianship**. v.3, p. 19-29, mar. 1988.

LOWENTHAL, David. **The past is a foreign country**. Cambridge: Cambridge University

Press, 1989. Disponível em: < <http://www.uu.nl/wetfilos/wetfil05/literatuur/Lowenthal.pdf> >
Acesso em 14 de Novembro de 2011.

MURGUIA, Eduardo Ismael; YASSUDA, Silvia Nathaly. Patrimônio histórico-cultural: critérios para o tombamento de bibliotecas pelo IPHAN. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 3, p. 65-82, set./dez. 2007.

PINHEIRO, Ana Virginia. **A Biblioteconomia de livros raros no Brasil: necessidades, problemas e propostas**. Revista de Biblioteconomia e Comunicação, Porto Alegre: UFRGS, FABICO, v. 5, p. 45-60, jan./dez. 1990

PINHEIRO, Ana Virginia. Livro Raro: antecedentes propósitos e definições. In: SILVA, H. de C.; BARROS, M. H. T. C. de (Org.). **Ciência da Informação: múltiplos diálogos**. Marília: Cultura Acadêmica, 2009, p. 31-44.

PINHEIRO, Ana Virginia. Metodologia para inventário de acervos. **Anais da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro, 2003, v. 123, p. 9-32. Disponível em:
<http://www.bn.br/planor/documentos/anais_123_2003.pdf>. Acesso em: 14 de maio de 2011.

PINHEIRO, Ana Virginia. **Que é livro raro?: uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade documental**. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1989.

POMIAN, Krystof. *Coleção*. In: **Enciclopedia Einaudi**. Lisboa, Imprensa nacional/ Casa da moeda, 1985.

PORTELLA, Célia Maria. Releitura da Biblioteca Nacional. In: **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 24, n. 69, 2010. Disponível em:
<<http://www.bn.br/portal/arquivos/pdf/celiaMaria.pdf>>. Acesso em 09 de novembro de 2011.

ORTEGA Y GASSET, José. **Missão do bibliotecário**. Brasília: Briquet De Lemos, 2006.

RABELO, Maria C. **As obras raras das bibliotecas brasileiras**. Com Ciência [revista eletrônica], 2010, v.126. Disponível em:
<<http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=65&tipo=dossie>>. Acesso em: 14 de maio de 2011.

REIFSCHNEIDER, Oto Dias Becker. A importância do acesso às obras raras. In: **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, Brasília, 2008, v.1, n.1, jan./abr. p. 67-76. Disponível em: <http://www.red.unb.br/index.php/RICI/article/view/1544/2330> >, Acesso em: 08 de novembro de 2011.

RODRIGUES, Márcia C. **Como definir e identificar obras raras?: Critérios adotados pela Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul**. Ci. Inf., Brasília, 2006, v. 35, n. 1, p. 115-121.

RODRIGUES, Márcia C. **O que é livro raro?**. Com Ciência [revista eletrônica], 2010, v.126. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=65&tipo=dossie>>. Acesso em: 14 de maio de 2011.

SCHREYER, Alice. **Education and training for careers in special collections: a white**

paper prepared for the association libraries special collection task force. University of Chicago, Chicago, 2004. Disponível em: < http://www.arl.org/bm~doc/sctf_ed.pdf> Acesso em: 24 de setembro de 2011.

SILVA, Fernando. **Critérios de seleção de obras raras adotados em bibliotecas do Distrito Federal.** 2011. 154 f. : Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2011.

SILVA, Sônia T. D. G. da; Lane, Sandra S. Uma política para livros raros numa biblioteca universitária. In: SIMPÓSIO SOBRE ARQUITETURA DE BIBLIOTECAS UNIVERTITÁRIAS, 2. 1989. **Anais do VI seminário nacional sobre bibliotecas universitárias**, Belém, Universidade federal do Pará, 1990, v. 1, p. 120-129.

SUDJIC, Deyan. A linguagem das coisas. Rio de Janeiro: Editora intrínseca, 2008.

TANSELLE, G. Thomas. **Libraries, Museums, and Reading.** In: Malkin Lectures in Bibliography, New York: Columbia University School of Library Service, n.6, 1991.

UNICAMP planeja construir biblioteca. **Coordenadoria geral da universidade**, Campinas, 2011. Disponível em: <http://www.cgu.unicamp.br/bora/Bora_Revista_Projeto_Design_364.pdf>. Acesso em 06 de dezembro de 2011.

VERGER, Jaques. **Homens e saber na idade média.** Bauru, SP, Edusc, 1999.

WYTHE, Deborah. New Technologies and the Convergence of Libraries, Archives, and Museums. In: **RBM: A Journal of Rare Books.** vol. 8 n. 1 p.51-55 mar 2007.

Páginas na internet:

BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS DE OURO PRETO
<<http://www.obrasraras.em.ufop.br>>

GESAMTKATALOG DER WIEGENDRUCKE.
<http://www.gesamtkatalogderwiegendrucke.de/>